A transitividade em Português[*]

Rodrigo Esteves de Lima-Lopes (Fac. Cásper Líbero /PUCSP)

Carolina Siqueira Muniz Ventura (GEALIN-PUCSP)

DIRECT Papers 55
2008
ISSN 1413–442-x
Publicado por
LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brazil, e
AELSU, University of Liverpool, United Kingdom.

Introdução

Segundo Halliday (Halliday, 1973, 1978, 1985, 1994; Halliday & Matthiessen, 2004) e seguidores (Eggins, 1994; Martin, Matthiessen, & Painter, 1997; Thompson, 1996, 2004), ao nos comunicarmos, utilizamos a linguagem realizando três tipos de significados simultâneos: um ligado ao relacionamento entre as pessoas (Metafunção Interpessoal), outro responsável pela representação do mundo (Metafunção Experiencial) e um último que dá à sentença seu status de mensagem (Metafunção Textual). Neste capítulo, trabalharemos com a Metafunção Experiencial, que está ligada ao uso da língua enquanto representação, o que inclui tanto o mundo externo – eventos, elementos – como o mundo interno – pensamentos, crenças, sentimentos.

A realização dessas representações ocorre através da Transitividade. Thompson (1994: 78) afirma que é importante ter em mente que esse termo tem significados diferentes na Gramática Tradicional e na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Na gramática tradicional, a transitividade é um princípio que parte da presença (ou não) do objeto (direto ou indireto) para classificar o verbo. Entretanto, na GSF, o Sistema de Transitividade tem um sentido muito mais amplo (Thompson, 1996: 78), estando relacionado à descrição da proposição como um todo, o que implica na escolha de processos (elementos verbais) e seus argumentos (Eggins, 1994: 220). Para Halliday (Halliday; Halliday & Matthiessen, 2004), nesse sistema o falante constrói um mundo de representações, baseado na escolha de um número tangível de tipos de processos (os quais serão descritos mais adiante).

Analisando o exemplo (1) abaixo, podemos observar que, no Sistema de Transitividade, cada proposição consiste de três elementos: 1) o processo (o elemento central), 2) seu(s) participante(s) e 3) circunstâncias, que são de caráter opcional. O processo é representado por um grupo verbal, e é a ação propriamente dita, ao passo que os participantes são,

[*]Este capítulo é uma adaptação dos Capítulos 1 'Fundamentação Teórica' e 3 'Análise e discussão dos resultados' da Dissertação de Mestrado de Rodrigo Esteves de Lima Lopes (Lima-Lopes, 2001), orientada pela Profª. Drª. Leila Barbara, com ampliações sugeridas por Carolina Siqueira Muniz Ventura e acréscimos baseados na terceira edição de "An Introduction to Functional Grammar" (Halliday & Matthiessen, 2004).

normalmente, representados por grupos nominais, os quais podem realizar a ação ou serem de alguma forma afetados por ela; já as circunstâncias são representadas por grupos adverbiais e sua função é adicionar informações ao processo.

(1)

o grande terremoto	destruirá	a Califórnia	a qualquer momento
Participante 01 (que realiza a ação)	Processo Material	Participante 02 (afetado pela ação)	Circunstância (quando o fato pode ocorrer)

No caso do exemplo acima, "o grande terremoto" (participante 01) realiza a ação de "destruir" (processo), a qual recai sobre "a Califórnia" (participante 02), sendo que essa ação é localizada no tempo "a qualquer momento" (circunstância).

Os processos, participantes e circunstâncias são elementos que traduzem nossa experiência em linguagem. Esses conceitos possuem várias subdivisões: há vários tipos de processos com participantes específicos e ainda várias circunstâncias. Por isso, um ponto central para o estudo do Sistema de Transitividade é a questão da escolha: ao realizar um significado através de um item lexical ou um fraseado (wording), o falante está realizando uma escolha dentre outras prováveis, fazendo com que o uso da língua tenha um caráter probabilístico (Halliday, 1992a). Isso faz com que a análise tenha um caráter contrastivo, pois o pesquisador estará sempre comparando as escolhas realizadas pelo falante com outras disponíveis, de forma a determinar quais foram suas motivações.

Essas escolhas podem não estar em um nível consciente (Thompson, 1994: 8): ao escolhermos um processo ou ao fazer de uma entidade o agente, estamos deixando outras opções de lado. Isso pode ser modificado por uma série de fatores sociais e lingüísticos, os quais são o objetivo final de qualquer análise do Sistema de Transitividade.

Nosso objetivo neste trabalho é discutir essa teoria, observando alguns postos relevantes para a língua portuguesa, bem como para a classificação de processos e de elementos circunstanciais. Não é nossa intenção prover soluções definitivas para algumas das questões aqui apontadas, mas trazer questionamentos que possam contribuir para a aplicação dessa teoria para o português. Para tanto, nosso trabalho está organizado da seguinte forma: Na seção 1, analisaremos os tipos de processos e os elementos circunstanciais; na seção 2, há algumas sugestões de critérios para a classificação de processos; a seção 3 descreve os papéis de transitividade no texto e é seguida das considerações finais.

1. O sistema de transitividade

1.1 Processos materiais

Os processos materiais são processos de fazer, relacionados a ações do mundo físico (Halliday, 1994). Nesse sentido, os processos materiais são responsáveis pela criação de uma seqüência de ações concretas (Halliday & Matthiessen, 2004), sejam elas criativas ou de transformação. Alguns exemplos seriam acontecer, fazer, emergir, etc.

Dois são seus participantes principais: o Ator e a Meta. O Ator é quem realiza a ação propriamente dita, sendo que sua presença é obrigatória: todo processo tem um Ator, mesmo que ele não seja mencionado na proposição (Thompson, 1996: 78). A Meta é o participante a quem o processo é dirigido, aquele que efetivamente é modificado pela ação. Em termos da gramática tradicional, ele seria o Objeto Direto (Eggins, 1994: 231). Uma vez que esses conceitos são de base semântica, eles continuam aplicáveis a sentenças na voz passiva, em que a Meta assume a posição de sujeito, como mostram os exemplos:

(2)

Você	pode cancelar	sua assinatura	quando quiser
Participante: Ator	Pr: material	Participante: Meta	Circunstância

(3)

O experiente vulcanólogo	foi morto	pela aparência calma do Galeras
Participante: Meta	Pr: material	Participante: Ator

Há ainda outros participantes que podem estar relacionados aos processos materiais. São eles: o Recebedor, o Cliente e o Escopo. (Halliday & Matthiessen, 2004).

O Escopo[1] é uma entidade que existe de forma independente do processo (Halliday & Matthiessen, 2004 p. 192), indicando seu domínio de atuação. No exemplo (4), o verbo fazer é dependente da palavra síntese para completar seu significado.

(4)

A revista ACME	faz	a síntese
Participante: Ator	Pr: material	Participante: Escopo

Em português, o Escopo, muitas vezes, é responsável pela própria significação do grupo verbal, o que ocorre principalmente em verbos como fazer, tomar, dar, etc. (Lima-Lopes, 2001). Esses processos parecem estar vazios, sendo que a diferença entre seus significados reside no próprio Escopo - uma vez substituído, temos a especificação do sentido trazido pelo processo. Vejamos o exemplo 5 abaixo:

[1] Nas edições anteriores de seu livro "An Introduction to Functional Grammar" (Halliday, 1985, 1994), Halliday nomeava esse participante como extensão. Essa modificação de terminologia acabou por facilitar a compreensão da função exercida por esse participante.

(5)

<table>
<tr><td>[Nós]</td><td>fazemos</td><td>Demonstração
instalação
treinamento
ligações
trocas
Publicações</td></tr>
<tr><td>Participante: Ator</td><td>Pr: material</td><td>Participante: Escopo</td></tr>
<tr><td>[Nós]</td><td colspan="2">demonstramos
instalamos
treinamos
ligamos
trocamos
Publicamos</td></tr>
<tr><td>Participante: Ator</td><td colspan="2">Pr: material</td></tr>
</table>

No exemplo (5), podemos observar que muitos desses processos seguidos de Escopo podem ser substituídos por um outro processo sem esse argumento. Por exemplo: fazer ligações é equivalente a ligar. Isso mostra que essas escolhas não são equivalentes, posto que o uso de cada um desses sistemas, pelo menos em português, parece possuir um paradigma e um significado próprios. Todavia, o estudo desse tipo de deslexicalização ainda não foi realizado em português. Isso seria necessário para se observar em quais contextos essa instanciação ocorre, de forma a mapear sua função.

Já o Recebedor[2] e o Cliente ocorrem em contextos bastante diversos (Halliday & Matthiessen, 2004: 191), identificados na gramática tradicional, comumente, como sendo o objeto indireto (Eggins, 1994: 35). No caso do Recebedor, ele está presente em fraseados que denotam a transferência na posse de bens e, apesar de Halliday e Matthiessen não versarem sobre esse fato, de informação. Dessa forma, o Recebedor passa a ser a entidade que realiza a posse do bem ou informação, como vemos no exemplo a seguir.

(6)

Ele	lhe	dará	maiores detalhes
Participante: Ator	Participante: Recebedor	Pr: material	Participante: Meta

Halliday e Matthiessen (2004: 191) ainda afirmam que processos nessa situação podem ser considerados instanciações materiais de processos relacionais possessivos (tratados adiante). A manutenção desse tipo de instanciação entre os processos materiais resulta de seu caráter criativo.

[2] Nas edições anteriores de seu livro "An Introduction to Functional Grammar" (Halliday, 1985, 1994), Halliday incluía o Cliente e o Recebedor dentro de um único rótulo, o de Beneficiário. A divisão atual explicita significados já previstos em versões anteriores da gramática, tornando mais clara sua função dentro da representação da experiência. Além disso, os rótulos atuais são mais auto-explicativos.

Já o Cliente tende a ocorrer em processos materiais que denotam criatividade. Isso ocorre porque esse participante representa a entidade para quem alguma coisa é feita, criada ou transformada, como no exemplo abaixo:

(7)

A revista ACME	foi criada	para os profissionais de notícia
Participante: Ator	Pr: material	Participante: Cliente

Observa-se que o Recebedor e o Cliente não precisam trazer, obrigatoriamente, uma carga semântica positiva. Em outras palavras, eles também podem ser objeto de uma ação que não lhes traga benefício algum, como em:

(8)

O guarda	Lhe	aplicou	uma multa
Participante: Ator	Participante: Cliente	Pr: material	Participante: Meta

Em ambos os casos, vale observar que a Meta está sempre presente. Isso acaba por ser um resultado da função realizada por esses participantes, pois, em ambos os casos, as entidades transferidas ou criadas são objeto de transformação da ação colocada pelo processo, que beneficia o Recebedor e o Cliente.

1.2 Processos mentais

Os processos mentais são processos de sentir (Halliday, 1994: 112) e são relativos à representação do nosso mundo interior (Thompson, 1994: 82). Isso implica que esses processos se referem a ações que não se dão no mundo material, mas no fluxo de nosso pensamento (consciência), ou em sua representação (Halliday & Matthiessen, 2004: 197).

Halliday e Matthiessen (2004: 208-210) dividem esses processos em quatro sub-tipos: processos mentais de cognição, relacionados a decisão e compreensão (saber, entender, decidir); processos mentais de percepção, relacionados à observação de fenômenos (sentir); processos mentais de afeição, relacionados aos sentimentos (gostar, amar); e processos mentais de desejo (querer, desejar).

Os participantes desse tipo de processo são o Experienciador, em cuja mente o processo está se realizando, e o Fenômeno, que é o elemento percebido/sentido pelo Experienciador, como mostra o exemplo (9), traduzido de Eggins (1994: 242).

(9)

Eu	odeio	injeções
Participante: Experienciador	Pr.: mental	Participante: Fenômeno

Thompson (1994:82) afirma que há diferenças importantes entre os processos que retratam os acontecimentos no mundo exterior (materiais) e os processos que representam os acontecimentos no nosso mundo interior (mentais), mostrando que a separação entre esses

dois tipos de processos tem justificativa gramatical. Halliday (1994: 114) define alguns critérios de diferenciação entre esses processos:

1. a utilização de tempos verbais;
2. o número de participantes;
3. a natureza dos participantes e
4. a realização em duas vias.

O primeiro critério (item 1) é a utilização de tempos verbais marcados e não-marcados: no caso dos processos materiais, o presente contínuo é o tempo não-marcado, enquanto que para os processos mentais, o tempo não-marcado é o presente simples[3]. Essa diferença parece ser de caráter aspectivo e está ligada a algumas particularidades da língua inglesa. Nessa língua, os tempos contínuos realizam a ação em curso em processos materiais, sendo que processos mentais dificilmente ocorrem com esse aspecto (são raras instanciações como estou amando), o que resulta em uma diferença gramatical. Já no caso do português, podemos observar que as fronteiras são um pouco menos claras: em nossa língua, podem ser comumente encontrados processos instanciados da seguinte forma:

Eu estou me sentindo mal

Isso mostra que, em português, o critério da utilização de tempos verbais pode ser insuficiente em alguns casos.

O segundo critério (item 2) está relacionado à realização do Fenômeno. Para Halliday (1994: 115), esse participante pode ser instanciado por um número maior de entidades, podendo ser não apenas uma pessoa, um objeto concreto ou abstrato (como nos processos materiais):

(10)

Eu	penso em	você
Participante: Experienciador	Pr.: mental	Participante: Fenômeno

mas também um fato, que, para Thompson (1994: 82), é uma oração tratada de forma similar a uma coisa:

(11)

Ela	duvidou	dos resultados trazidos pelo candidato
Participante: Experienciador	Pr.: mental	Participante: Fenômeno

O terceiro critério de diferenciação entre processos materiais e mentais é a natureza do Experienciador: apenas um participante humano (ou personificado) pode sê-lo (Halliday & Matthiessen, 2004:201). Isso ocorre porque estamos dando consciência à entidade que instancia o Experienciador, dado que ela é necessária para a realização desse papel.

---

[3]Os termos marcado X não marcado têm sido amplamente discutidos pelos sistemicistas. Gostaríamos de remeter o leitor para o artigo de Ventura e Lima-Lopes (neste volume) para uma maior discussão desses conceitos.

A personificação também é algo que pode ocorrer em processos materiais. Contudo, se compararmos os dois tipos de processos, perceberemos que isso se dá de forma diferente: nos processos materiais, não há a atribuição de consciência às entidades personificadas; nesse caso, dá-se a elas apenas a capacidade de realização de ações no mundo físico. Já nos processos mentais, as ações realizadas parecem ser responsáveis pela criação de um mundo interior nos participantes. Alguns estudos já observaram isso, entre eles os de Lima-Lopes (2001), Bressane (2000) e o de Siqueira (2000). No caso de Lima-Lopes (2001), que investigou cartas de mala direta em português, a empresa ou o produto/serviço vendidos realizam ações que parecem ser típicas de entidades humanas, levando a sua personificação. Bressane (2000), que estudou uma reunião de negócios, observou que nomes de edifícios também são personificados, ao passo que os compradores são tratados como Metas e igualados a objetos não animados. Já Siqueira (2000) mostra que a empresa é Tema em várias proposições em Relatórios Anuais, o que também a faz Ator.

No quarto e último critério, o Fenômeno pode ou não ocorrer na posição de Sujeito, sendo que isso não irá interferir na realização dos participantes, o que não poderia ocorrer em processos materiais:

(12)

Eu	gostei do	presente
Participante: Experienciador	Pr.: mental	Participante: Fenômeno

(13)

O presente	agradou-	me
Participante: Fenômeno	Pr.: mental	Participante: Experienciador

Apesar disso, não devemos considerar os dois fraseados como idênticos, uma vez que a diferença na escolha do processo e dos participantes é algo a ser levando em conta, mas sim congruentes, por trazerem significados semelhantes.

1.3 Processos relacionais

O terceiro tipo de processo é o Relacional, ou processos de ser, ter e pertencer. Esses processos possuem uma função classificatória, relacionando duas entidades no discurso. Segundo Halliday (1994: 119), todas as línguas acomodam formas sistemáticas de realização dos processos relacionais, sendo que o autor identifica três como sendo as principais:

1. intensivo: onde X é (ou está) A
2. circunstancial: onde X é (ou está) em A (a preposição em pode também ser substituída por outra)
3. possessivo: onde X tem (ou possui) A

Cada um desses tipos pode ainda ser classificado de dois modos:

1. atributivo: onde A é um atributo de X
2. identificativo: onde A é a identidade de X

Isso gera seis categorias de processos relacionais, as quais podem ser observadas no quadro 1:

Tipo/Modo	(i) Atributivo	(ii) Identificativo
(1) Intensivo	Você é muito importante	[nós] somos a melhor A melhor somos nós
(2) Circunstancial	A feira é às terças-feiras	Amanhã é a feira Dia 10 é amanhã
(3) Possessivo	Pedro tem um piano	O piano é do Pedro Ao Pedro pertence o piano

Quadro 1: Tipos de processos relacionais (adaptado de Halliday e Matthiessen: 2004: 216)

Nos processos intensivos atributivos, podemos encontrar dois participantes: o Portador, ou elemento classificado, e o Atributo, ou elemento classificador, como podemos ver no exemplo (14). Halliday e Matthiessen (2004: 219-220) determinam as várias características dos processos intensivos atributivos. Entre elas, destacamos duas: a natureza das características criadas e a reversibilidade. A primeira está relacionada ao fato de que o grupo nominal que exerce a função de atributo constrói uma classe genérica e indefinida, que pode ser precedida de artigos indefinidos como um, uma, uns e umas. Já a segunda é que esses processos não são reversíveis, uma vez que há apenas um participante nominal independente: o Portador. Isso implica que o significado trazido pelos processos intensivos atributivos não é de equivalência entre os elementos de uma oração, o que impede que a sua ordem seja modificada, havendo prejuízo no significado caso isso ocorra. Por isso, dizer: a) Você é um campeão de reality show não é igual a b) *Um campeão de reality show é você.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004: 220-226), esses processos podem expressar três tipos de significados:

1. aqueles que especificam membros de uma categoria;
2. aqueles que especificam a fase da atribuição; e
3. o domínio da atribuição.

Com relação ao primeiro tipo de significado (item 1), um processo intensivo atributivo coloca um elemento X como membro de uma classe A (Eggins, 1994: 256).

(14)

Você	é	um desenvolvedor de produtos ACME
Participante: Portador	Pr.: intensivo	Participante: Atributo

Com relação ao segundo significado (item 2), os processos atributivos intensivos desenvolvem-se através do tempo (Halliday & Matthiessen, 2004: 222), ao invés de

representar um estado apenas estático, como os do item anterior. Eles, portanto, mostram que o elemento X está se tornando Y ou membro de Y. Por exemplo:

(15)

uma filosofia espiritual nova	está se tornando	gradualmente	estabelecida mundialmente
Participante: Portador	Pr.: intensivo	Circunstância	Participante: Atributo

(16)

Flash Mob	está virando	moda
Participante: Portador	Pr.: intensivo	Participante: Atributo

Por fim, no domínio de atribuição (item 3), os fraseados podem construir tanto elementos relacionados à experiência interna, como elementos externos. Em outras palavras, quando instanciamos esse tipo de significado, estamos não apenas exprimindo significados objetivamente observados, mas também subjetivamente criados (Halliday & Matthiessen, 2004: 222). Ao contrário dos dois significados anteriores, o domínio de atribuição se realiza pelo atributo e, conseqüentemente, pelo seu significado. Alguns exemplos seriam:

(17)

o rótulo de "ciência"	torna-se	aceitável
Participante: Portador	Pr.: intensivo	Participante: Atributo

(18)

É	triste	perder
Pr.: intensivo	Participante: Atributo	Participante: Portador

(19)

Na seqüência final	é	duvidável	a presença de uma personagem
Circunstância	Pr.: intensivo	Participante: Atributo	Participante: Portador

No caso de (17) teríamos, por exemplo, um atributo relacionado a aceitabilidade/obrigação da caracterização de ciência, o que traz um determinado valor modal, ao passo que em (18), a atribuição ganha um caráter subjetivo, relacionado à emoção e à atitude perante a perda. Em (19), o domínio está relacionado a uma avaliação de probabilidade.

Os processos intensivos identificativos identificam uma entidade em termos de outra (Thompson, 1994: 87). Esse tipo de processo conta com dois tipos de participantes: o Identificado, que é alvo da definição, e o Identificador, elemento definidor:

(20)

A sua melhor opção	é	o ACME
Participante: identificador	Pr.: identificativo	Participante: Identificado
o ACME	é	a sua melhor opção
Participante: Identificado	Pr.: identificativo	Participante: identificador

Segundo Halliday e Matthiessen (2004: 227-229), os processos Relacionais Intensivos Identificativos possuem algumas características definidoras:

1. O grupo nominal que realiza o Identificador é geralmente um elemento definido, que pode ser acompanhado de um artigo definido, como a(s) e o(s).
2. Diferentemente dos intensivos atributivos, os intensivos identificativos são reversíveis. Isso é possível porque, nesse tipo de processo, está-se estabelecendo uma relação de igualdade, na qual X é igual a A. Isso é o que permite a inversão realizada em (20).

Graças a essa relação, Thompson (1994) diz que é possível definir a direção desse processo de identificação: há um elemento geral, chamado Valor, e um específico, chamado Característica, sendo que os processos podem caminhar do geral para o específico, como em (21), e do específico para o geral, como em (22).

(21)

A sua melhor opção	é	o ACME
Participante: identificador	Pr.: Relacional identificativo	Participante: Identificado
(Valor)		(Característica)

(22)

O ACME	é	a sua melhor opção
Participante: identificado	Pr.: Relacional identificativo	Participante: Identificador
(Característica)		(Valor)

Assim como os relacionais intensivos atributivos, os identificativos instanciam uma série de significados, que podem caracterizar o tipo de identificação que está sendo realizada. Entre os tipos de significado colocados por Halliday e Matthiessen (2004: 234-235), destacamos:

- De equivalência / igualdade. Estabelece-se uma relação de correspondência entre o Identificado e o Identificador: Spam [Identificado^Característica] corresponde [Pr. Relacional identificativo] a 50% de e-mails de empresas [Identificador^Valor]
- De realização de papéis. Nesse caso, o Identificado realiza um papel dentro do contexto em que o fraseado é instanciado: Dialogar [Identificado^Característica] será [Pr. Relacional identificativo] nossa principal meta [Identificador^valor].
- De nomeação. Ocorre a identificação de uma entidade com uma nomeação específica: Eu [Identificado^Característica] sou [Pr. Relacional identificativo] o Dr. Fulano de Tal [Identificador^Valor]
- Definição. Define-se uma entidade em função de outra: A política [Identificado^Característica] é [Pr. Relacional identificativo] a arte de fazer alianças [Identificador^Valor]
- Simbolização. Expressa-se uma entidade por meio de símbolos ou figuras, o que inclui traduções e paráfrases: Pretend [Identificado^Característica] quer dizer [Pr. Relacional identificativo] fingir [Identificador^Valor]. O limite [Identificado^Característica] é indicado [Pr. Relacional identificativo] pela linha azul [Identificador^Valor].

Nos processos circunstanciais atributivos, a circunstância é um atributo associado a um outro participante (Halliday & Matthiessen, 2004: 240), por isso operam de forma bem semelhante aos intensivos. Nesses processos, um dos participantes é substituído por um elemento circunstancial. Nesses procesos o elemento circunstancial ocorre na posição de Atributo, conforme mostra o exemplo (23), traduzido de Eggins (1994: 262):

(23)

A bomba	estava	em sua bagagem
Participante: Portador	Pr.: Relacional intensivo	Participante: Atributo (circunstância)

Nos processos circunstanciais identificativos, o elemento circunstancial tem a função de relacionar as duas entidades em termos de tempo, lugar etc. Aqui o elemento circunstancial realiza o identificador, e o elemento identificado é realizado por um grupo nominal, ou por outro elemento que realize sua função, como vemos em (24). Vale a pena ressaltar que os relacionais identificativos também são reversíveis.

(24)

O melhor jeito de chegar à Ilha do Mel	é	através do Balneário Pontal do Sul
Participante: Identificador	Pr.: Relacional intensivo	Participante: Identificado (circunstância)
Através do Balneário Pontal do Sul	é	o melhor jeito de chegar à Ilha do Mel
Participante: Identificado (circunstância)	Pr.: Relacional intensivo	Participante: Identificador

Os processos relacionais possessivos demonstram uma relação de propriedade, sendo que dois são os seus participantes: o Possuidor e o Possuído, exemplo (25) Esses processos podem ser de dois tipos: os intensivos, (25), e os identificativos, (26). A exemplo dos processos relacionais intensivos e circunstanciais, os possessivos intensivos não são reversíveis, ao passo que os identificativos sim. Contudo, quando utilizamos a forma reversa, o processo presente na sentença é ser, em (26).

(25)

Você	tem	20% de desconto	na anuidade
Participante: Possuidor	Pr.: possessivo	Participante: Possuído	circunstância

(26)

José	possui	a fita
Participante: Possuidor	Pr.: possessivo	Participante: Possuído
A fita	é	do José
Participante: Possuído	Pr.: possessivo	Participante: Possuidor

1.4 Processos comportamentais

Os processos comportamentais são ações que englobam comportamentos físicos e psicológicos realizados de forma simultânea. Segundo Halliday (1994: 139), esses processos estão entre os materiais e os mentais. Assim, o autor sugere que há processos comportamentais como olhar, assistir, encarar, preocupar-se etc., que estão mais próximos de ações mentais, e outros que estão mais próximos de ações materiais, como dançar, respirar, deitar, etc. A exemplo dos processos mentais, os comportamentais exigem que pelo menos um de seus participantes seja uma figura animada ou personificada. Seus participantes são o Comportante, entidade que realiza a ação, e o Comportamento (Halliday & Matthiessen, 2004), que define o escopo do processo:

(27)

…você	pode assistir	[a fita]
Participante: Comportante	Pr.: comportamental	Participante: Comportamento

1.5 Processos verbais

Os processos verbais são processos de dizer, e estão na fronteira entre os processos mentais e os relacionais. Para Halliday (1994), os processos verbais não precisam possuir um participante humano. Aqui, construções como A TV disse que…; O relógio diz que são oito horas… são perfeitamente aceitáveis, o que não poderia ocorrer nos processos mentais. Por essa razão, Halliday diz que esses processos podem também ser definidos como processos de simbolizar. Quatro são seus participantes: o Dizente, que realiza a ação, o Receptor, para quem a mensagem é direcionada, o Alvo, a entidade que é atingida pelo processo, e a Verbiagem, a mensagem propriamente dita:

(28)

Eu	repeti	o aviso	a ela
Participante: Dizente	Pr.: Verbal	Participante: Verbiagem	Participante: Receptor

É importante observar que os processos verbais podem possuir orações projetadas, normalmente relacionadas ao discurso indireto. Nesses casos, a oração projetada deve ser analisada separadamente, observando-se seus próprios constituintes, como mostra o exemplo a seguir, adaptado de Thompson (1994: 98).

(29)

Ele	disse	ao entrevistador	que	[ele]	não responderia	a pergunta
Participante: Dizente	Pr.: verbal	Participante: Receptor		Participante: Dizente	Pr.: verbal	Participante: Receptor
Oração Projetante				Oração Projetada		

1.6 Processos existenciais

O último tipo de processo é o existencial, que se encontra entre os processos relacionais e os materiais. Proposições existenciais são realizadas tipicamente pelos processos haver, existir e ter (em português brasileiro), sendo que outros processos, como emergir, surgir e ocorrer podem ser considerados existenciais em alguns contextos. Nesse processo, há apenas um tipo de participante, o Existente:

(30)

Haverá	caminhada, comida típica…
Pr.: Existencial	Participante: Existente

1.7 Elementos circunstanciais

Para Halliday (1994: 149), os elementos circunstanciais (realizados por adjuntos de valor adverbial) podem ocorrer livremente com todos os tipos de processo, tendo sempre significados semelhantes. Esses elementos são tipicamente realizados por locuções adverbiais e advérbios, trazendo informações que complementam o significado do processo. Para Thompson (1994), sua função é definir o contexto no qual uma proposição ocorre.

Outro ponto a ser observado é o fato de Halliday (1994, 1985) e Halliday e Matthiessen (2004) verem os elementos circunstanciais de uma forma bem diferente da gramática tradicional. Eles são dessemelhantes não só em relação às categorias sugeridas, que não são aquelas normalmente trazidas pelos manuais de gramática, como poderemos ver a seguir, mas também em relação ao status dado a esses elementos. Para Halliday (1994: 158), as circunstâncias podem ser consideradas uma forma de introduzir um participante de forma indireta ou mesmo um "mini-processo". Segundo essa visão, os elementos circunstanciais funcionariam como um intermediário que permite a introdução de argumentos de forma indireta. No caso dos participantes, muitas vezes é possível re-escrever a sentença de forma a incluir o elemento na proposição. Por exemplo:

(31) Sendo assim, de acordo com este psicoterapeuta, «este debate começou por onde devia ter terminado» .
A psicoterapeuta disse que este debate começou por onde devia ter terminado

Isso também ocorre no caso dos processos:

(32) ..José Bernardo atingiu mortalmente com tiros de pistolas a ex-companheira e a sua mãe…
José Bernardo atirou com a pistola na ex-companheira e na sua mãe, matando-as

Com relação às categorias sugeridas por Halliday (1994), Thompson (1994) sugere que, embora haja algumas categorias consensuais, é quase impossível aos analistas mapear todas

as existentes, deixando um grande espaço para descoberta. Um resumo desses elementos circunstanciais é trazido pelo quadro a seguir.

Tipos de Elementos	Subtipos	Tipos de Elementos	Subtipos	Tipos de Elementos	Subtipos
Extensão	temporal espacial de freqüência	Papel	guisa produto	Contingência	condição concessão falta
Localização	temporal espacial	Acompanhamento	comitativo aditivo	Assunto	
Modo	meio qualidade comparação grau	Causa	razão propósito benefício	Ângulo	Fonte Ponto de vista

Quadro 2: Os elementos circunstanciais e seus subtipos. Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004 :262)

Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) sugerem nove tipos de circunstância, sendo que a maioria deles tem subtipos.

É importante perceber que as categorias de tempo e espaço já não são mais absolutas, elas ganham duas novas classificações: extensão, ou duração linear (tempo = 'quão longo' e espaço = 'quão longe') e localização, ou localização específica (tempo = quando; espaço = onde) (Thompson, 1994:105). Além da questão da duração, as Circunstâncias de Extensão também são responsáveis pela noção de freqüência de realização de um determinado ato (tempo= 'quão freqüente') (Halliday & Matthiessen, 2004 :264-265). Nesse ponto, Halliday parece tratar esses elementos de forma aspectiva, ou seja, separando aquilo que seria [+durativo] do [+pontual].

Um exemplo de extensão (33), outro de localização (34) e um de freqüência (35) podem ser encontrados a seguir.

> (33) É importante lembrar que nossa tabela atual vem sendo mantida desde julho/95, o que nos obriga a fazer este ajuste…
>
> (34) Criada em 1970 pelo antigo Grupo Técnico da Editora ACME, a revista…
>
> (35) Medicamento para derrame cerebral freqüentemente é usado de modo incorreto…

As circunstâncias de modo, a qual possui quatro subtipos: 1) meio, que representa significados do tipo 'com o que'/'de que maneira'; 2) qualidade, que representa significados do tipo 'quão + advérbio'; 3) comparação, representando significados de semelhança ou dessemelhança; e 4) grau, realizado por um elemento adverbial com um indicador geral de gradação, como quanto, muito etc. (Halliday, 1994: 154; Halliday & Matthiessen, 2004: 267). São exemplos desses três tipos de circunstâncias, respectivamente:

(36) Venho por meio desta carta lhe informar que ampliamos

(37) …depois de mal passarmos duas barreiras fronteiriças sucessivas guardadas, uma paisagem árida e montanhosa dá-nos as boas vindas à Albânia.

(38) Isso preparou-me para assumir diferentemente as responsabilidades burocráticas do cargo.

(39) A Folha investiu pesadamente…

As circunstâncias de papel dividem-se em guisa, na qual uma entidade é identificada em função de uma outra, como em (40), e em produto, a qual mostra um processo de transformação do sujeito, como em (41).

(40) A Câmara Municipal aponta os complicados processos burocráticos como os grandes entraves…

(41) …mais um passo da Netscape para transformar a Internet num meio privilegiado de comunicação e informação à escala mundial .

O próximo tipo são as circunstâncias de acompanhamento, correspondendo a significados como "e quem" ou "com quem", ou seja, uma idéia de ação conjunta, participação efetiva na ação. Esses elementos se dividem em duas categorias: comitativo e aditivo. Na primeira, o processo é realizado em duas instâncias, com o uso de preposições como "como", "junto com", "assim como":

(42) O jornal ACME circulará toda última quinta-feira de cada mês com informações e serviços sobre reformas…

Na segunda, a idéia trazida é a de realização conjunta, sendo que apesar de ambos os elementos poderem realizar um mesmo participante, eles são apresentados separadamente, como forma de contraste:

(43) O grupo de fotógrafos participantes encontra-se para um confronto pela diversidade não só de estilos, como de opções

Nas circunstâncias de causa, encontramos três subtipos: 1) razão, que representa a razão que motivou a realização de uma ação, em (44); 2) propósito, que representa o propósito pelo qual a ação foi realizada, em (45); e benefício, que representa uma entidade para a qual uma ação foi realizada, em (46).

(44) A razão por que se realçou no título da notícia
(45) Tiradentes morreu pela liberdade
(46) Aprendi a desembrulhar-me por mim próprio

É importante não confundir as circunstâncias de benefício com o papel de beneficiário, presente no sistema de ergatividade[4], uma vez que esses dois elementos são de natureza diferente: enquanto a circunstância é um termo acessório do qual o falante pode ou não se valer, já o beneficiário é parte do significado verbal. Uma estratégia seria realizar um teste do tipo: fez X para Y, onde "para Y" seria o beneficiário. Estruturas que não satisfizerem esse teste devem ser consideradas circunstâncias.

Os elementos circunstanciais de contingência também se subdividem em três subtipos: 1) condição, realizado por elementos como no caso de, se por acaso, se etc.; 2) concessão, expresso por elementos como a despeito de, apesar de, ainda que etc., e 3) falta, que expressa significados trazidos por elementos como na ausência de, na falta de etc:

> (47) Um filme para alugar só no caso de não haver mesmo outra coisa…
> (48) Na sua globalidade, as respostas alimentam, apesar de tudo, um certo optimismo entre os que se interessam pela sorte dos bichos.
> (49) As autoridades arquivam o processo por falta de provas…

Os dois últimos tipos de circunstâncias são as de assunto e de ângulo. A primeira está relacionada aos processos materiais, tendo uma função muito similar à Verbiagem, exemplo (50).

> (50) Para além destes dois aspectos, surgem os habituais rumores sobre um eventual interesse comprador

As circunstâncias de ângulo podem ser subdivididas em dois tipos: 1) ponto de vista e 2) fonte. O primeiro expressa o ponto de vista colocado por um Dizente, no caso de processos verbais, ou por Experienciadores, no caso de processos mentais. Já o segundo identifica a fonte responsável por determinadas ações ou pensamentos. Exemplos a seguir, respectivamente.

> (51) Nas palavras de Pedro, narradas em Atos dos Apóstolos, vamos encontrar um progresso.
>
> (52) Por conseguinte, um novo aumento salarial, de acordo com a ministra, terá necessariamente de ser acompanhado de um aumento de produtividade

2. Classificação de processos

Halliday e Matthiessen (1999:547-548) afirmam que a indeterminação é uma característica comum a todas as línguas naturais. Isso acontece porque não há fronteiras exatas entre as categorias que configuram o sistema.

---

[4] Ergatividade é uma abordagem à Metafunção experiencial na qual a voz e a agentividade são os principais pontos de partida para a análise.

Por isso, não existe uma fórmula exata para auxiliar na classificação dos processos, o que nos impede de traçar critérios exatos ou regras fixas. Por isso, cada vez que um analista classifica um processo ou elemento circunstancial, ele está operando com o seu conhecimento e com a sua experiência, o que pode mudar de indivíduo para indivíduo. Isso, muitas vezes, leva a várias classificações possíveis, as quais são estudadas de acordo com a função de um processo. Esse fato nos faz pensar que um trabalho de análise de transitividade pode estar ligado a vários fatores. Entre eles, temos a cultura e os valores sociais trazidos pelo lingüista, os quais são, por vezes, diferentes daqueles trazidos pela comunidade estudada, o que obriga o analista a conhecer o contexto no qual um fraseado é produzido. Outro ponto a ser levado em conta são as diferenças de intencionalidade (o que o falante realmente quer atingir com um fraseado) e de caráter lingüístico, ou seja, as escolhas léxico-gramaticais em todos os níveis.

Por essa razão, durante um estudo de transitividade, não é incomum encontrarmos processos com mais de um significado, o que, normalmente, leva a mais de um tipo de classificação. Um exemplo é contar, que, dependendo do contexto de ocorrência, pode ser classificado como comportamental (no sentido de verificar a quantidade):

(53) O carcereiro contou os presos…

como verbal, quando ocorre no sentido de dizer números em voz alta (54) ou de contar uma história (55):

(54) O garoto contou até 10…
(55) Isso é uma história muito longa, e depois só conta que a encontrou no Porto e a reencontrou e depois com ela casou.

e como relacional, dando a idéia de posse:

(56) E o melhor: durante 24 horas por dia, você conta com este benefício

Uma das possíveis soluções é trabalhar com um teste feito a partir da substituição do processo, como sugerido por Halliday (1994). Nessa abordagem, cada processo seria substituído (ou probed) por um sinônimo que ajudaria a determinar a classificação. Assim, para cada um dos exemplos de contar, teríamos:

(57) O carcereiro enumerou os presos
(58) O garoto marcou até 10.
(59) "Isso é uma história muito longa", e depois só diz que a encontrou no Porto e a reencontrou e depois com ela casou.
(60) E o melhor: durante 24 horas por dia, você tem este benefício

Não podemos esquecer que há diferenças de padrões colocacionais desses processos. Na classificação como processo Comportamental, exemplo (53), o processo não possui conjunções ou preposições acompanhando-o, ao passo que, nos exemplos verbais, (54) e (55), vemos dois padrões diferentes: 1) contar + que, no sentido de dizer, e 2) contar + até,

no sentido de marcar. No exemplo (56), temos o significado relacional com o padrão contar + com[5].

Outro exemplo é tratar, que pode ser classificado como verbal (61) ou relacional (62).

(61) O ministros trataram [falaram]
(62) Trata-se do [É o] novo crédito automático ACME.. .

Vale a pena ressaltar que tratar é utilizado em sua forma impessoal ao realizar significados relacionais, e pessoal quando seu significado é Verbal.

Outro exemplo é estrear (63), que tem a possibilidade de dois significados: um relacional (64) e outro material (65).

(63) A nova programação da ACME TV estréia em abril … .
(64) A nova programação da ACME TV é[6] em abril …
(65) A nova programação da ACME TV começa/inicia-se em abril …

Outros recursos também podem ser usados. No caso de estrear, optamos por classificá-lo como material. Isso porque a estréia de um programa subentende preparativos institucionais (como produção de cenários, contratação de profissionais, venda de cotas de patrocínio etc.), que não parecem estar presentes em sua contrapartida relacional. Em outras palavras, optamos por utilizar a classificação que contemplasse a maior carga semântica.

Observemos ligar, em (66). Quando esse processo é usado no sentido de "realizar chamada telefônica", duas classificações são possíveis: uma Comportamental e outra Verbal. Nesse caso, uma possível saída é a observação da intenção do falante. No caso do exemplo (66) , retirado de uma carta de venda de produtos, a realização da ligação em si não é o foco principal dessa escolha, mas sim o processo de negociação que ela desencadeia. O que não é diferente do exemplo (67).

(66) Ligue hoje mesmo para 0800-00-0000, de segunda a sexta-feira, das 9 às 21h, e solicite a visita de um ACMEGold Executive.
(67) Para não se tornar assinante, no final da gratuidade ligue para 0800 000 000.
(68) No dia seguinte ligou para mim, e disse que estava interessada

Dentro do mesmo critério, podemos encontrar processos como perguntar, que pode ser comportamental, significando 'checar o conhecimento de' (69), ou verbal, no qual ele é sinônimo de informar-se (70).

(69) A professora perguntou na prova …
(70) Pergunte/informe-se em sua agência …

---

[5]Naturalmente, exemplos com corpora mais representativos são necessários. Neste artigo, pretendemos apenas delinear alguns caminhos que auxiliem o leitor em suas análises.
[6]Agradecemos a Carlos A. M. Gouveia por chamar nossa atenção para essa possibilidade de classificação.

3. As questões de papéis

Ao falarmos, estamos representando o mundo através da linguagem. Nessa visão, os participantes de uma interação representam, ou lhe são atribuídos, papéis, ou seja, funções sociais específicas que lhe dão uma determinada significância naquele contexto.

O conceito de papel está, normalmente, associado às relações de solidariedade e poder, que se manifestam através do sistema de Modo (Halliday, 1994); alguns exemplos de estudos nesse campo são Ramos (1997); Thompson e Thetela (1995); Bressane (2000); Baptista (1998); Wyatt (1997), entre outros.

Segundo Delu (1991), o conceito de papel está relacionado ao de participante, que pode ser definido em termos lingüísticos ou interacionais. Assim, para Delu (1991), os participantes (ou interactantes) estão sempre realizando três tipos de papéis de forma simultânea: a) textual; b) social e c) interacional (Delu, 1991: 289-290).

Os papéis textuais são definidos pela natureza do sistema lingüístico (Delu, 1991: 289), determinando funções como falante (speaker), ouvinte (listener), endereçador (addresser), endereçado (addressee) ou audiência, além dos papéis dêiticos (Lyons, 1977).

Os papéis sociais são definidos sem referências à linguagem, estando ligados à posição de um indivíduo na sociedade (Delu, 1991: 290), equivalendo aos papéis sociais de primeira ordem, como definido por Halliday (1978).

Já os papéis interacionais são definidos pela interação social, e se manifestam através do sistema lingüístico (Delu, 1991: 290). Thompson e Thetela (1995) trabalham com a atribuição de papéis em anúncios publicitários, chegando a um sistema que subdivide os papéis interacionais em dois tipos:

1. papéis atribuídos (enacted roles): são instanciados pelo próprio ato de fala/escrita, sendo, essencialmente, os papéis de fala propostos por Halliday (1985: 108)
2. papéis projetados (projected roles): são os papéis atribuídos através da nomeação dos participantes da interação, sendo dependentes da referência explícita no texto (adaptado de Thompson e Thetela, 1995: 107-108).

A partir desse sistema, Thompson e Thetela (1995) analisam o escritor-no-texto (writer-in-the-text) e o leitor-no-texto (reader-in-the-text) em anúncios publicitários. O escritor-no-texto é a entidade responsável pelo anúncio, podendo ser representada pela empresa, como em (71), ou pelos produtos/serviços oferecidos por ela, como em (72).

(71) O Banco ACME está fazendo muito mais por você …
(72) Um seguro muito acessível que oferece ampla proteção…

Já o leitor-no-texto é o conjunto de possíveis consumidores daquilo que é anunciado, como em (73).

(73) você continuará recebendo as outras fitas (uma a cada mês)…

Apesar dos textos publicitários possuírem um número muito maior de participantes, Thompson e Thetela justificam sua escolha devido ao tipo de relacionamento entre esses participantes, que é o inverso daquilo que ocorre no mundo extra-texto. Em outras palavras, apesar do destinatário estar em uma posição superior, ele é tratado em nível de igualdade com a empresa remetente (Thompson & Thetela, 1995: 111).

Por fim, Thompson e Thetela (1995: 109) também afirmam que é importante distinguir entre dois tipos de participantes: os participantes da interação e os participantes no sistema de transitividade. Para os autores, essa diferença não é apenas uma questão de nomeação, que é muito importante, mas também de realização da interação, uma vez que ambas são importantes categorias de análise.

Considerações Finais

Como já mencionamos anteriormente, a Metafunção Experiencial é responsável pela representação do nosso mundo exterior e interior. Nesse contexto, o processo, seus participantes e as circunstâncias são os elementos que trazem à tona essas representações calcadas na escolha. Neste artigo, procuramos expor as principais formas de manifestação do Sistema de Transitividade, observando algumas particularidades da língua portuguesa.

Entretanto, muitos pontos permanecem obscuros, sendo que a falta de estudos em língua portuguesa é um dos principais problemas. Isso faz com que pouco se saiba a respeito das particularidades dos processos e também da forma como seus participantes e as circunstâncias se relacionam. De fato, são necessários mais estudos qualitativos e quantitativos, os quais ajudariam a determinar critérios de classificação processual em nosso idioma, além de observar quais são os processos mais freqüentes em cada registro. Entre as diferentes possibilidades de análise que o sistema de transitividade ainda oferece, estão:

- Mapeamento das escolhas: apesar de já haver alguns estudos relacionando a transitividade ao estudo de gêneros específicos (Halliday, 1992b; Matthiessen, 1999; Shimazumi, 1996), muito ainda precisa ser feito. Isso se dá principalmente pelo fato de pouco ter sido feito em português; o estudo de gêneros pode ampliar o conhecimento de como as funções são realizadas na estrutura retórica de um documento, observando até que ponto isso influencia na escolha dos processos e realização de seus participantes.
- Análise de representações: a análise de diversos gêneros mostraria de que forma as representações e as funções realizadas estão relacionadas, sendo que o trabalho com vários gêneros verificaria como essa relação acontece, estabelecendo diferenças e pontos em comum.
- Mapeamento de padrões: a classificação dos processos é algo que depende da experiência do analista. Contudo, vimos que algumas diferenças se manifestam no nível gramatical. Um levantamento desses padrões colocacionais pode ser de grande valia, não apenas por servir como um critério objetivo de análise, mas também pela sua possibilidade de aplicação na Lingüística de Corpus, desenvolvendo ferramentas de análise.

Várias seriam as formas de realizar essas pesquisas. Uma possibilidade é optar pela observação conjunta entre o gênero estudado e uma base comparativa (baseline). Nesse tipo de abordagem, cálculos estatísticos seriam aplicados para ajudar a verificar se as prováveis diferenças são reais ou apenas fruto do acaso. Outra possibilidade, ainda, é a utilização de uma abordagem multi-dimensional (Biber, 1988, 1995): nessa abordagem, diferentes textos são comparados a partir do levantamento de características, que são quantificadas e agrupadas em dimensões. Assim, cada texto é analisado de acordo com essas dimensões, sendo classificado a partir das características mais (ou menos) presentes. Duas seriam as possibilidades de aplicação da Análise Multi-dimensional: a primeira é a comparação entre diferentes gêneros, classificando-os de acordo com a presença de processos e seus participantes; e a segunda é a comparação entre os movimentos, caracterizando-os de acordo com a presença de determinados processos, participantes e circunstâncias. Em ambos os casos, devem ser observadas quais as funções desempenhadas por essas escolhas, levantando-se as representações e as realizações léxico-gramaticais de cada uma delas.

Referências bibliográficas

Baptista, M. E. (1998). E-mails na troca de informação numa multinacional - o gênero e as escolhas léxico-gramaticais. Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL--PUCSP, São Paulo.

Biber, D. (1988). Variation across speech and writing. London: Cambridge University Press.

Biber, D. (1995). Dimensions of register variation. London: Cambridge University Press.

Bressane, T. B. R. (2000). Construção de identidade numa empresa em Transformação. Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL - PUCSP São Paulo.

Delu, Z. (1991). Role relationships and their realization in mood and modality. Text, 11(2), 289-318.

Eggins, S. (1994). An introduction to systemic functional grammar. London: Printer Publishers.

Halliday, M. A. K. (1973). Explorations in the Functions of Language. London: Edward Arnold.

Halliday, M. A. K. (1978). Language as social semiotic. London: Arnold.

Halliday, M. A. K. (1985). An introduction to Functional Grammar (1ª ed.). London: Edward Arnold.

Halliday, M. A. K. (1992a). Language as system and language as instance: the corpus as a theoretical construct. In J. Svartivik (Ed.), Directions on Corpus Linguistics.Proceedings of the Nobel Symposium 82. Berlin: Mouton de Gruyer.

Halliday, M. A. K. (1992b). Some lexicogrammatical features of the Zero Population Growth Text. In W. C. Mann & S. A. Thompson (Eds.), Discourse Description: Diverse linguistic analyses of a fund-raising tex. Amsterdan: John Benjamim.

Halliday, M. A. K. (1994). An Introduction to Functional Grammar (2ª ed.). London: Edward Arnold.

Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (1999). Construing Experience through meaning: A language approach to cognition. London / New York: Continnuum.

Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (2004). An Introduction to Functional Grammar (3ª ed.). London: Edward Arnold.

Lima-Lopes, R. E. (2001). Estudos de Transitividade em LÌngua Portuguesa: O Perfil do Gênero Cartas de Venda. Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL / PUCSP.
Lyons, J. (1977). Semantics. Cambridge: Cambridge University Press.
Martin, J. R., Matthiessen, C. M. I. M., & Painter, C. (1997). Working with functional grammar. London: Arnold.
Matthiessen, C. M. I. M. (1999). The System of TRANSITIVITY: An exploratory tex-based profile. Functions of Language, 6(1), 1-51.
Ramos, R. C. G. (1997). Projeção de imagens através de escolhas lingüísticas: um estudo no contexto empresarial. Tese de Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL - PUCSP.
Shimazumi, M. (1996). The knower and the Informant in Institutional talk: A transitivity Perspective. MA in Linguistics, University of Liverpool.
Siqueira, C. P. (2000). Análise temática em estudos de tradução - O caso do relatórios anuais de empresas brasileiras. Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL - PUCSP.
Thompson, G. (1996). Introducing functional grammar. London: Edward Arnold.
Thompson, G. (2004). Introducing functional grammar (2ª ed.). London: Edward Arnold.
Thompson, G., & Thetela, P. (1995). The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. Text, 15(1), 103-127.
Wyatt, R. D. (1997). The complete consort dancing together... interaction in E-mail. Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL - PUCSP, São Paulo.

Rodrigo Esteves de Lima–Lopes *é Mestre e Doutorando em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL – PUCSP). Autalmente leciona Linguagem Básica de Vídeo (Multimeios-PUCSP) e Novas Tecnologias em RTV (Casper Líbero) Seus principais interesses de pesquisa são: análise do discurso de base sistêmico – funcional, Língüística do Corpus e Multimodalidade.*
e – mail: rll307@gmail.com

Carolina Siqueira Muniz Ventura *é tradutora e Mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL – PUCSP). Seus principais interesses de pesquisa são análise do discurso de base sistêmico – funcional, tradução – ensino e pesquisa – , e ensino instrumental de línguas.*
e – mail: carolventura@uol.com.br